



Subseção Comerciantes de São Paulo

Desempenho do comércio de material de construção no município de São Paulo

Setembro de 2011

Desempenho do comércio de material de construção no município de São Paulo

Introdução

O Brasil tem registrado crescimento sustentado nos últimos anos, apesar do impacto da crise financeira mundial em 2009. O produto interno bruto aumentou 7,5%, em 2010, maior resultado dos últimos 25 anos. Foram gerados mais de 2,5 milhões de empregos formais no país.

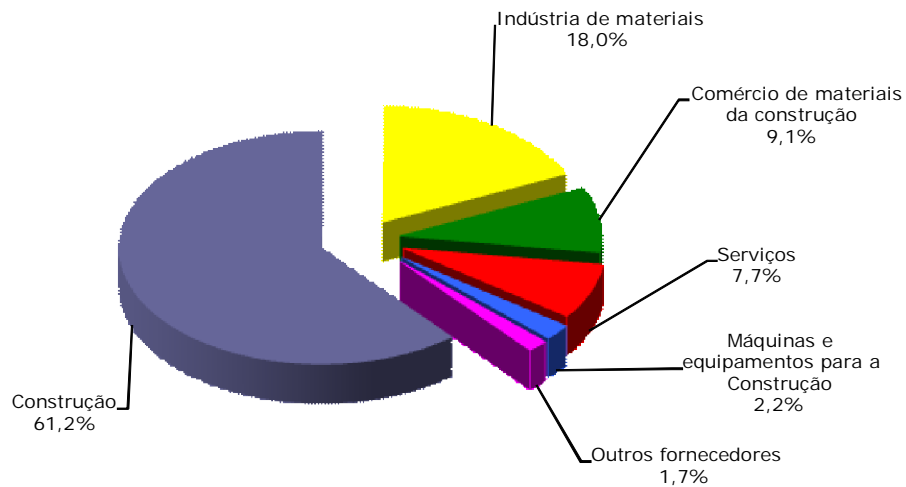
Este crescimento está fortemente baseado no mercado interno, no qual o consumo das famílias foi 13% maior que no ano anterior. As variáveis econômicas que influenciam o consumo tiveram importante contribuição no desempenho do comércio nacional. A massa de rendimentos dos ocupados cresceu 8,4% em 2010 e o volume de crédito aumentou 4,91%, alcançando 46,6% do PIB em dezembro passado. Por outro lado, no mesmo período, o nível de inadimplência (cheques devolvidos) caiu 13,2%.

É neste cenário que a construção civil tem sido foco das atenções tanto do governo quanto da iniciativa privada. Iniciativas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC, PAC 2), Minha Casa, Minha Vida e Construcard, da Caixa Econômica Federal, impulsionam a indústria de construção do país e aumentam as vendas no varejo.

Segundo informações da Câmara Brasileira da Indústria de Construção (CBIC), em 2009, o comércio de materiais de construção representou 9,1% da cadeia produtiva da construção civil no país, demonstrando a importante participação do comércio no setor.

GRÁFICO 1

Composição da Cadeia Produtiva da Construção Civil- 2009



Fonte: Perfil da Cadeia Produtiva da Construção e da Indústria de Materiais –Setembro/2010 – Abramet e FGV Projetos
Elaboração: Banco de dados CBIC

O comércio de material de construção já emprega aproximadamente 68 mil trabalhadores, o que representa 8% do total de empregados do comércio na capital paulista. A tendência é de expansão desta atividade, sobretudo com as perspectivas de manutenção do crescimento do mercado imobiliário na cidade e com a Copa do Mundo em 2014.

Como forma de subsidiar a ação sindical junto às empresas deste segmento, o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo solicitou ao Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos- DIEESE, a realização de estudo que tem como objetivo traçar um panorama conjuntural da atividade econômica, do comportamento do emprego e do rendimento no segmento. Além disto, visa também estabelecer um perfil, para o período recente, dos admitidos e desligados, com foco em atributos pessoais selecionados.

Para a elaboração da análise, foram utilizadas as seguintes fontes de informações: Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego no que se refere ao perfil dos trabalhadores e a Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC-IBGE). Os anos de 2005 e 2010 foram utilizados como referência para a análise deste estudo, considerando a maior disponibilidade de dados do segmento a partir de 2005.

Conjuntura recente do setor

Para analisar o desempenho econômico do comércio varejista de material de construção serão considerados os seguintes aspectos: comportamento dos preços de materiais de construção, consumo nacional de cimento, volume de vendas e receita nominal de vendas e faturamento do setor, bem como o *ranking* das principais empresas.

Comportamento dos preços

Para o varejo, o acompanhamento da variação dos preços de diversos materiais de construção no município de São Paulo pode ser feita através do levantamento realizado mensalmente pelo Índice de Custo de Vida – ICV, realizado pelo DIEESE.

Entre 2005 e 2010, verificou-se que o agrupamento *materiais para conservação do domicílio* registrou aumento de 30,1% em seus preços, enquanto o custo de vida, em geral, apresentou uma elevação de 32,6%. Expressiva alta foi apurada para o preço da *areia* (137,5%), da *telha de cerâmica* (84,4%) e do *tijolo* (79,6%), itens básicos nas construções. O único produto que teve redução foi *massa de construção* (-11,5%) (Tabela 1).

Os preços de alguns produtos subiram mesmo com isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), em 2009, para revestimentos, tintas, cimento, pias, louças de banheiro, chuveiro, entre outros itens. A redução do IPI também incidiu sobre outros itens, tais como disjuntores - de 15% para 10% - e ferragens - de 10% para 5%.

O aumento generalizado dos preços destes materiais não impactou negativamente o ritmo de atividade do segmento, que continuou atingindo níveis recordes de vendas e faturamento no período, tanto em São Paulo quanto no Brasil, nos últimos anos.

TABELA 1
Variações de preços de produtos para conservação do domicílio
ICV-DIEESE - Estrato Geral
Município de São Paulo – janeiro de 2005 a dezembro 2010

Itens	Varição (em%)
Material para Conservação do Domicílio	30,1
Tinta	10,6
Tinta Látex	8,1
Cal de Pintura	41,5
Azulejo	27,1
Massa	-11,5
Cimento	8,2
Portas, Janelas e Portões	49,9
Tijolo	79,6
Telha	74,2
Telha de Cerâmica	84,4
Telha de Amianto	51,2
Piso	14,5
Material Elétrico	31,7
Material Hidráulico	34,0
Areia	137,5

Fonte: ICV, DIEESE

Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciantes de São Paulo

Consumo de cimento

O cimento é um dos insumos fundamentais na construção civil. Apesar de seu preço ter aumentado, o consumo tem se intensificado nos últimos anos.

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Cimento, o consumo nacional do produto totalizou quase 60 milhões de toneladas em 2010, o que representa um crescimento de 16% em relação a 2009, bastante acima dos 11% registrados para o comércio varejista, no período, no Brasil. Somente a região Sudeste foi responsável pelo consumo de 28 milhões de toneladas de cimento, aproximadamente 13% a mais do que o consumido no ano anterior.

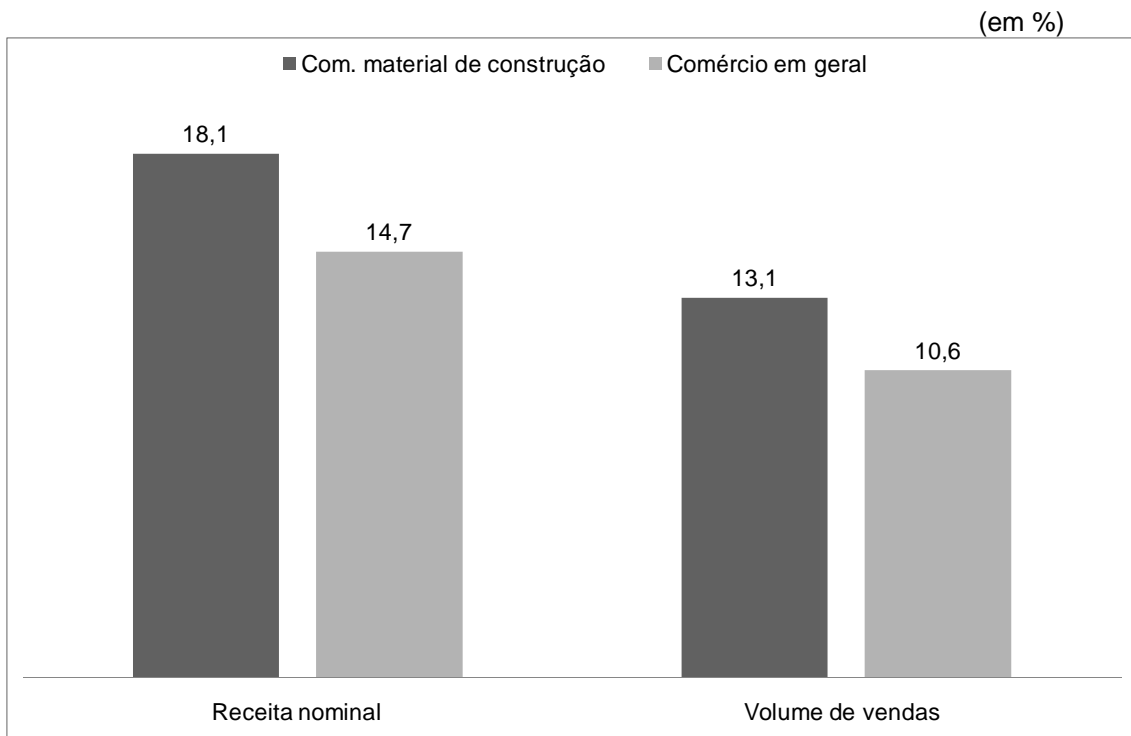
Com relação ao percentual de crescimento do consumo de cimento, destacaram-se as regiões Norte e Nordeste, sobretudo devido às instalações de novas plantas industriais, influenciadas pelo Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, e pelo maior aumento da renda da população nessas regiões, com evolução de 28% e 22%, respectivamente.

Volume e receita nominal de vendas

As vendas de material de construção também apresentaram crescimento expressivo em 2010. Segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC-IBGE), em 2010, o comércio varejista de material de construção paulista cresceu 13,1% em volume de vendas e 18,1% em receita nominal, perante o verificado em 2009.

No estado de São Paulo, este segmento registrou crescimento de 13,1%, superior ao do comércio em geral (10,6%) enquanto a receita nominal de vendas na construção civil aumentou 18,1% contra 14,7%, do comércio em geral, demonstrando o dinamismo verificado nos canteiros de obras no estado. (Gráfico 2)

GRÁFICO 2
Varição anual da receita nominal e do volume de vendas
Comércio em geral e comércio de material de construção
Estado de São Paulo - 2010

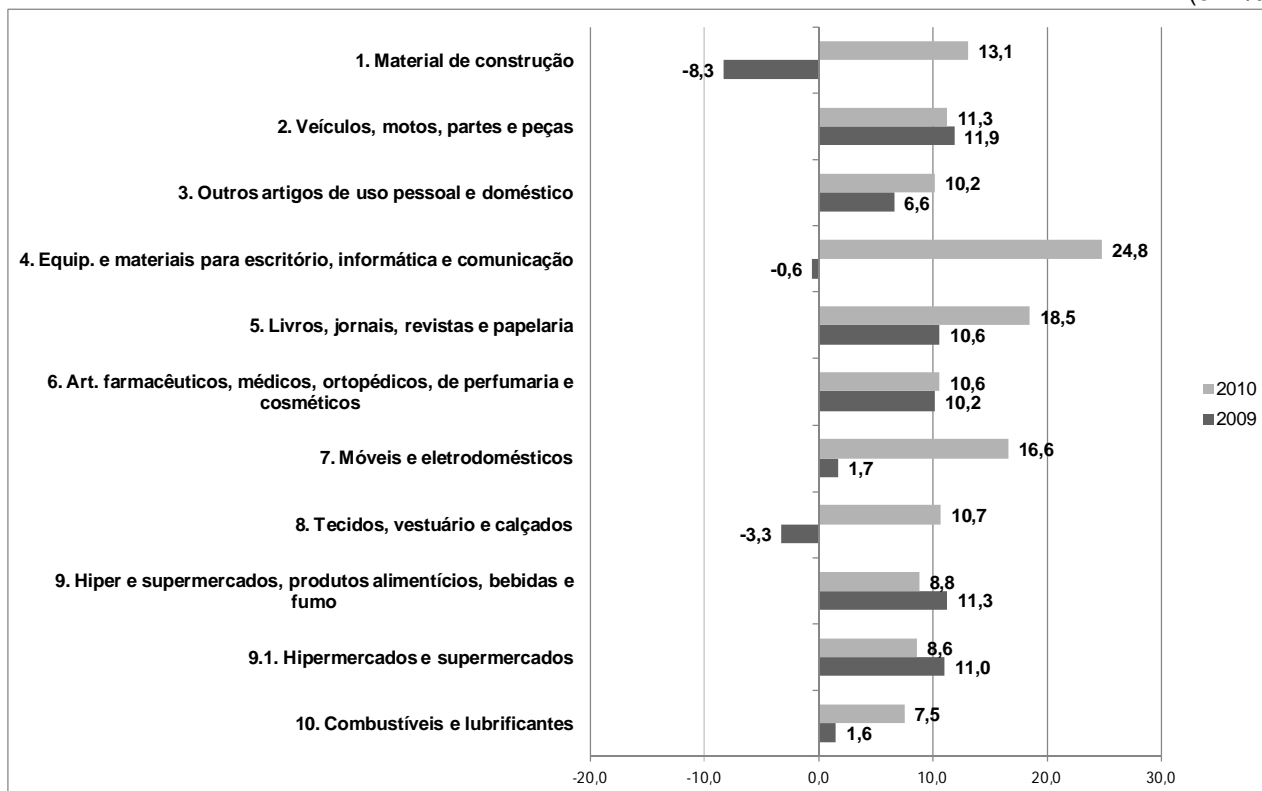


Fonte: PMC, IBGE
Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciantes de São Paulo

Entre os segmentos pesquisados, em 2010, o comércio de material de construção foi uma das atividades que mais cresceu, superando outros grupos com grande participação no setor, tal como *hipermercados e supermercados* (8,6%). (Gráfico 3)

GRÁFICO 3
Varição anual do volume de vendas por segmentos do comércio
Estado de São Paulo - 2009 e 2010

(em %)



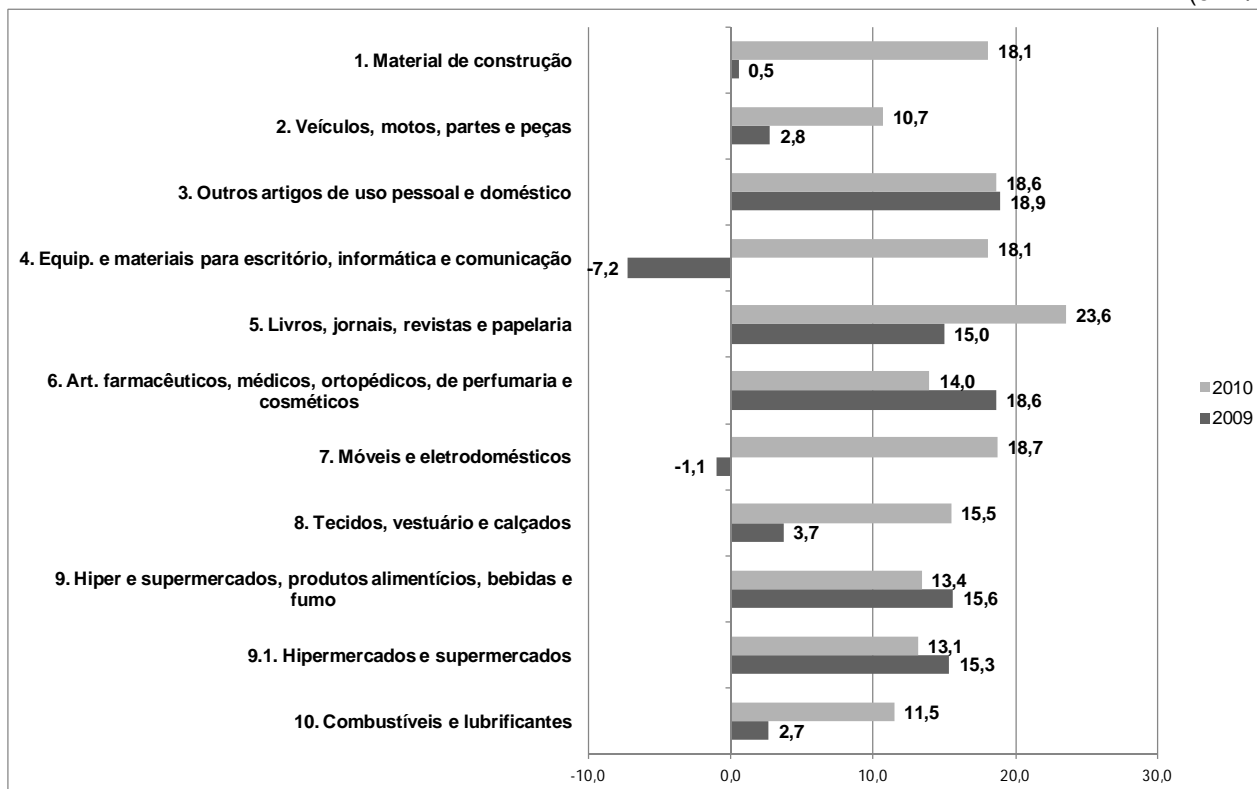
Fonte: PMC, IBGE

Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciais de São Paulo

A receita nominal da construção também apresentou crescimento superior a vários segmentos do comércio no ano passado, expandindo 18,1%, enquanto *hipermercados e supermercados* registraram 13,1% e *tecidos, vestuário e calçados* 15,5%. (Gráfico 4)

GRÁFICO 4
Varição anual da receita nominal de vendas por segmentos do comércio
Estado de São Paulo - 2009 e 2010

(em %)



Fonte: PMC, IBGE

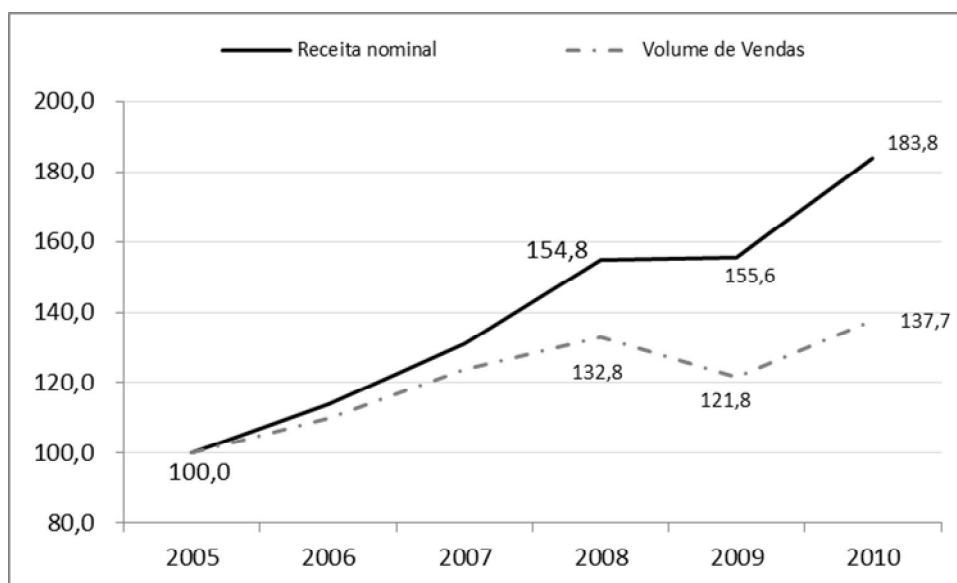
Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciantes de São Paulo

Volume de vendas e receita nominal nos últimos anos

Entre 2005 e 2010, o volume de vendas e a receita nominal para o setor teve crescimento praticamente contínuo - em que pese os efeitos da crise, para as duas variáveis, no final de 2008 e em 2009. Estes efeitos foram mais intensos para o volume de vendas do que para as receitas, pois o crescimento das vendas continuou relativamente forte, mesmo em 2009, quando a economia brasileira não cresceu.

No acumulado do período em análise, a receita nominal cresceu 83,8% enquanto o volume de vendas apresentou elevação de 37,7%. Isto ocorreu porque o volume representa o crescimento real das vendas, ou seja, apesar de ser descontada a inflação, e os resultados do comércio de material de construção cresceram muito.

GRÁFICO 5
Variação anual da receita nominal e do volume de vendas
Comércio de material de construção
Estado de São Paulo - 2005 a 2010 (2005 =100)



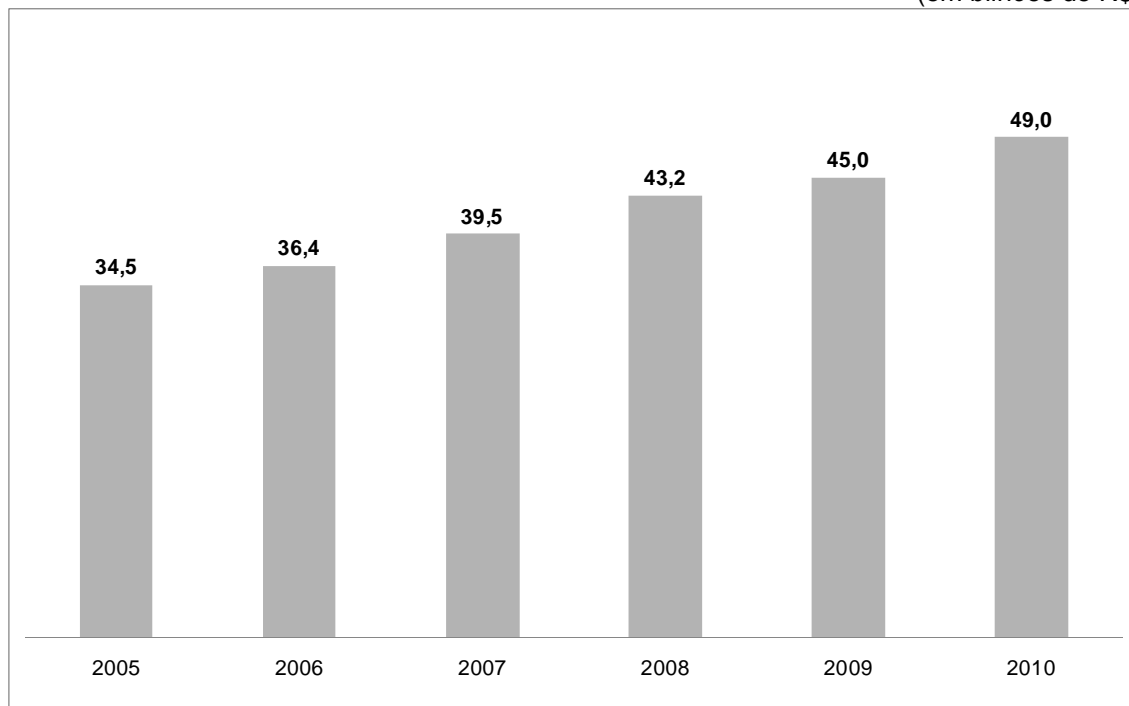
Fonte: PMC, IBGE
 Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciantes de São Paulo

Faturamento

O faturamento das empresas do setor de material de construção atingiu R\$ 49,0 bilhões em 2010, segundo dados da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco), com um expressivo aumento de 10,6% em relação ao ano anterior. Entre 2005 e 2010, o crescimento do setor foi de 42%, bastante superior ao crescimento do PIB no período que atingiu 27,8% (Gráfico 6).

GRÁFICO 6
Faturamento do setor de material de construção
Brasil - 2005 a 2010

(em bilhões de R\$)



Fonte: Anamaco - Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção
Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciantes de São Paulo

Apesar da esperada desaceleração da economia para 2011, a Anamaco tem a expectativa de que o setor cresça 8,5% frente a 2010. Esta visão se deve à forte procura de certos materiais básicos na construção, tais como blocos de concreto e areia, o que revela um mercado extremamente aquecido, apesar de o país atravessar um momento de desaceleração, já indicada pelos números de vários setores.

Os resultados positivos obtidos pelo comércio de material de construção, bem como em toda a sua cadeia de produção, foram impulsionados, fundamentalmente, pelo crescimento da renda, da oferta de crédito e das ações governamentais na área tributária, especialmente a redução de IPI sobre os materiais de construção, encaminhadas nos últimos anos.

A renda média real dos ocupados variou de R\$ 1.341, em 2005, para R\$ 1.422, em 2010, na região metropolitana de São Paulo, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, o que representa um aumento real de 6%. Esta elevação da renda tem se refletido diretamente no consumo das famílias, que teve expansão, no país, quase 40% acima da inflação entre o primeiro trimestre de 2005 e o mesmo período de 2011.

Fundamental no crescimento da construção tem sido o aumento da oferta de crédito na economia nacional, particularmente, aquele disponibilizado para o Sistema Financeiro da Habitação, que utiliza os recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e da Caderneta de Poupança, cujos aportes totalizaram R\$ 83,9 bilhões em 2010, para cerca de um milhão de unidades contratadas.

Além disto, há programas como o Construcard, da Caixa Econômica Federal. Este financiamento foi criado para aquisição de matérias de construção para reformar ou ampliar imóveis de pessoas jurídicas com juros menores que os de mercado.

Ranking das empresas

O varejo de material de construção é composto por 138 mil lojas em todo o Brasil, a maioria, pequenas e médias empresas, segundo a Anamaco.

A partir de informações obtidas de 382 empresas fabricantes de material de construção, a Associação elabora um ranking que atribui uma pontuação para os maiores lojistas, de acordo com o volume de vendas. A líder nacional, em 2010, foi a Leroy Merlin, seguida por Casa & Construção, Telha Norte e Dicico (Tabela 2).

Apesar da grande pulverização do segmento, algumas empresas se destacam tanto no nível nacional quanto no local, como revela a Tabela 2. Como é possível observar, as quatro maiores lojas de São Paulo são também as maiores do país, mostrando, ao mesmo tempo, a força do mercado consumidor de São Paulo e o poder de fogo dessas unidades empresariais, em um mercado tão pulverizado.

TABELA 2
Ranking das Lojas de Material de Construção
Brasil e São Paulo – 2010

Brasil		
Posição	Empresas	Estados
1	Leroy Merlin	PR, RJ, SP, MG, RS, GO, DF
2	C&C	SP, RJ
3	Saint - Gobain (Telha Norte)	SP, MG, PR
4	Construdecor (Dicico)	SP
5	Cassol	SC, RS, PR

Capital e Grande São Paulo		
Posição	Empresas	Município
1	Leroy Merlin	São Paulo
2	C&C	São Paulo
3	Saint - Gobain (Telha Norte)	São Paulo
4	Construdecor (Dicico)	São Paulo
5	Nicom	São Paulo

Fonte: Ranking Nacional de Lojas de Material de Construção, Anamaco
Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciais de São Paulo

A heterogeneidade das empresas do segmento, característica do comércio em geral, coloca-se como um dos grandes desafios estratégicos a serem enfrentados pela categoria comerciária no processo de negociação coletiva. Em regra, as pequenas e médias empresas são utilizadas no processo negocial como instrumento de nivelamento por baixo das reivindicações salariais da categoria.

A situação do mercado de trabalho

Nos últimos anos, a economia brasileira vivencia expressivo crescimento econômico e o mercado de trabalho acompanha este novo cenário, principalmente, no que se refere ao aumento da contratação de trabalhadores com carteira assinada. Neste período:

- Mais de 20 milhões de brasileiros superaram a linha de pobreza;
- Mais de 36 milhões de brasileiros ascenderam à classe de renda média;
- Houve redução da desigualdade: em 2009, o Índice de Gini alcançou o menor nível dos últimos 30 anos;
- A geração de empregos formais atingiu o maior nível da história;
- Mercado de crédito equivale a quase 50% do PIB;

- Existem possibilidades concretas de ingresso em um ciclo longo de crescimento nos próximos anos.

Mesmo com este cenário positivo, ainda é uma característica marcante deste mercado a intensa movimentação da força de trabalho, com demissões e admissões de trabalhadores (a chamada rotatividade), com o intuito de reduzir salários.

Na sequência, será analisado o mercado de trabalho formal no município de São Paulo, a partir de dados extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), ambos do Ministério do Trabalho e Emprego. Foram utilizadas as informações sobre nível de emprego, remuneração dos empregados e perfil de trabalhadores e do estabelecimento, bem como uma análise entre a movimentação dos admitidos e desligados.

Emprego e remuneração do setor

Com base nas informações da Rais, observa-se que o comércio de material de construção no município de São Paulo encerrou 2010 com 67.997 trabalhadores com carteira assinada, o que representa 7,8% do total de empregados do comércio em geral na cidade (871,7 mil comerciários, aproximadamente). Na comparação com 2005, a quantidade de comerciários deste segmento aumentou em torno de 50%, decorrência direta do bom desempenho que o segmento demonstrou nos últimos anos.

O resultado seria ainda melhor, não fosse o alto grau de informalidade que caracteriza o setor como um todo. O estudo elaborado pela Rede Comerciários do DIEESE, de agosto de 2009, a partir de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), intitulado “*A informalidade no comércio*”, mostrou a precarização ainda presente no setor. Segundo o estudo, cerca de 20% dos assalariados não possuem as garantias trabalhistas asseguradas pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), não têm acesso aos benefícios da Previdência Social ou à proteção de Acordos e Convenções Coletivas de Trabalho, como ocorre com os contratados com registro em carteira de trabalho. Como a estruturação do segmento de material de construção não é diferente do restante do setor do comércio, a tendência é que a rotatividade também seja semelhante.

Apesar de o segmento ter apresentado desempenho econômico melhor que o setor em geral, os salários foram 28% menores que a média do comércio (R\$ 1.262,05 contra R\$ 1.622,16, diferença de R\$ 360,11).

Esta remuneração média representa 56,6% do salário mínimo necessário estimado pelo DIEESE, que deveria ser de R\$ 2.227,53 em dezembro de 2010. Como o valor é considerado o mínimo para a manutenção de uma família composta por dois adultos e duas crianças, suprimindo necessidades básicas com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o salário médio pago no setor atende aproximadamente à metade das necessidades básicas de uma família comerciária com esta composição.

Atributos pessoais dos ocupados

Em 2010, segundo os dados da Rais, o emprego no segmento de materiais de construção foi predominantemente masculino. Cerca de 78% do total de empregados eram homens. Já a distribuição dos trabalhadores por sexo, no setor como um todo, era mais uniforme: 57% são homens e 43%, mulheres.

Os jovens, com idade até 24 anos, representam 22% do segmento e quase a totalidade dos ocupados possui até o ensino médio completo (92%), como pode ser visto na Tabela 3.

Um fator de atração para o trabalhador jovem neste setor é a possibilidade de inserção em inúmeras funções não especializadas, caracterizadas por baixa remuneração, que, em geral, não requerem qualificação ou experiência anterior.

TABELA 3
Perfil dos trabalhadores formais no segmento do
Comércio de material de construção
Município de São Paulo - 2010

Atributos Pessoais	Quantidade (nº absoluto)	Proporção (%)
Total de Empregados	67.997	100,0
Sexo		
Masculino	52.877	77,8
Feminino	15.120	22,2
Escolaridade		
Até 5º ano do ensino fundamental	5.340	7,9
Fundamental completo	17.200	25,3
Ensino médio completo	39.896	58,7
Mais que ensino médio completo	5.561	8,2
Faixa Etária		
Até 17 anos	722	1,1
18 a 24 anos	14.257	21,0
25 a 29 anos	12.469	18,3
30 a 39 anos	20.248	29,8
40 a 49 anos	12.507	18,4
50 a 64 anos	7.415	10,9
65 ou mais	379	0,6

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: DIEESE / Subseção dos Comerciantes de São Paulo

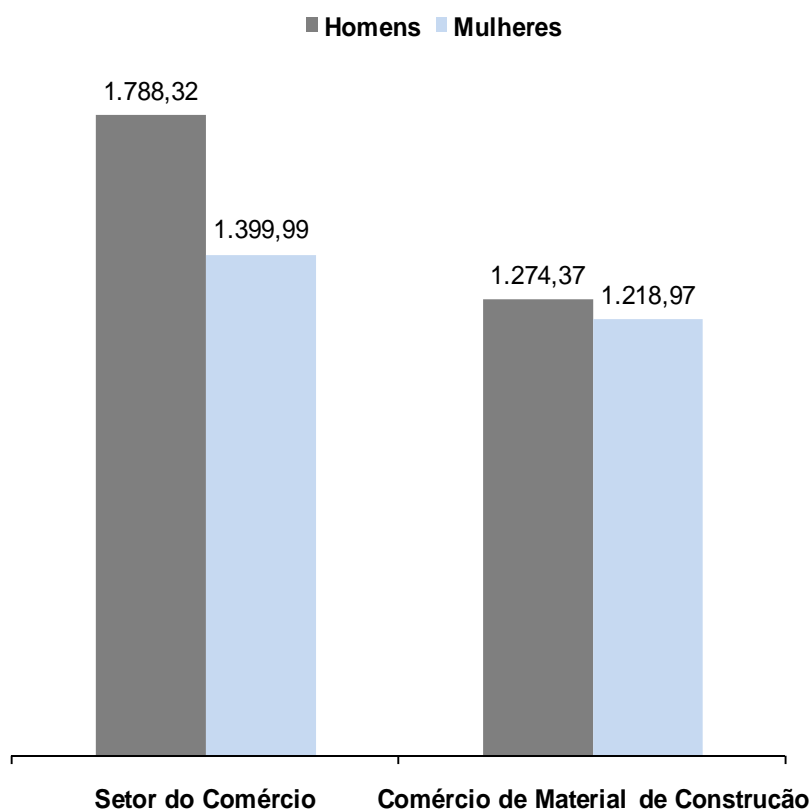
A pequena participação feminina no segmento não se justifica pelo grau de escolaridade, já que as mulheres são mais escolarizadas que os homens – têm, em grande parte, nível médio completo e ensino superior - nem por terem salários mais elevados, o que impossibilitaria sua inserção no segmento. Pela análise, a mulher está inserida principalmente em cargos das áreas administrativas. Uma questão cabe ser colocada: qual seria o impedimento em contratá-las para ocupar outras funções que não sejam administrativas?

No tocante à remuneração, na comparação entre homens e mulheres no comércio de material de construção, percebe-se que a diferença não mantém a mesma proporção apresentada pelo setor. Neste segmento, as mulheres ganham, em média, 4,3% menos

que os homens (R\$ 1.218,97 contra R\$ 1.274,37), enquanto no conjunto do setor esta desigualdade é bem mais expressiva, de aproximadamente 22% (R\$ 1.788,32 contra R\$ 1.399,99), o que pode ser visto no Gráfico 7.

A diferença salarial está relacionada, em parte, com o fato de as mulheres estarem mais inseridas nas funções administrativas, onde os salários médios são superiores. Mas, outro fator explica a menor diferença entre homens e mulheres no segmento. Como a remuneração média do comerciante de material de construção é inferior à média do setor comercial, reduz-se a margem de diferenciação de salários entre homens e mulheres do segmento. Ou seja, a menor diferença de salários entre gêneros, no segmento, é também uma espécie de nivelção por baixo.

GRÁFICO 7
Remuneração média dos empregados segundo gênero
Comércio de material de construção
Município de São Paulo - 2010
(em R\$)



Fonte: Rais, Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: DIEESE / Subseção dos Comerciantes de São Paulo

No geral, diminuir a desigualdade salarial de gênero é um desafio para a classe trabalhadora. Para compreensão desta injustiça, contrapõem-se, basicamente, dois elementos explicativos. Um deles diz respeito ao fato de que os setores que pagam melhor são mais "masculinos". Isso não pode ser considerada uma verdade absoluta, pois, mesmo quando trabalham nas mesmas ocupações, as mulheres ganham menos. Outro aspecto refere-se à questão cultural, pois embora tenham maior qualificação que os homens, as mulheres ganham menos e esta disparidade permanece.

As diferenças de remuneração aparecem também quando se considera o tamanho da empresa. Os menores salários são pagos pelas menores empresas. Assim, os estabelecimentos com até quatro empregados pagaram, em média, R\$ 971,28, e os maiores rendimentos foram identificados nas empresas de 500 a 999 empregados, onde corresponde, em média, a R\$ 6.560,76 (Tabela 4).

Mesmo pagando os menores salários, as empresas com até 19 empregados possuem mais de 50% dos ocupados no segmento, enquanto aquelas com 500 empregados ou mais respondem por menos de 1% dos ocupados.

TABELA 4
Remuneração média dos empregados segundo tamanho de estabelecimento
Comércio de Material de Construção
Município de São Paulo – 2010

Tamanho do Estabelecimento	Quantidade de Empregados	Distribuição (%)	Remuneração Média (R\$)
Até 4 empregados	10.409	15,3	971,28
De 5 a 9 empregados	12.215	18,0	1.043,92
De 10 a 19 empregados	12.701	18,7	1.168,83
De 20 a 49 empregados	13.868	20,4	1.242,98
De 50 a 99 empregados	8.712	12,8	1.346,66
De 100 a 249 empregados	6.852	10,1	1.496,30
De 250 a 499 empregados	2.701	4,0	1.980,85
De 500 a 999 empregados	539	0,8	6.560,76
TOTAL	67.997	100,0	1.262,05

*Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/Rais
Elaboração: DIEESE / Subseção dos Comerciantes de São Paulo*

A grande diferença da média de salários pode ser atribuída à complexa estrutura das empresas maiores que possuem especialização por áreas, o que requer um quadro funcional mais qualificado, elevando assim a renda média praticada frente às pequenas que não exigem um profissional com mais qualificação.

Movimentação do emprego no segmento (janeiro a maio de 2011)

Nos primeiros cinco meses de 2011, a geração líquida de empregos celetistas no comércio de materiais de construção do município de São Paulo, foi de 2.698. Com esse resultado, o segmento representou aproximadamente 34,3% do total de vagas geradas no setor comércio, que abriu 7.857 postos no período.

A maior concentração de trabalhadores contratados foi de pessoas com grau médio completo (49% do total dos admitidos).

Quanto ao salário, no período analisado, os admitidos ganharam, em média R\$ 995,05, aproximadamente 96% do valor que era pago aos desligados (R\$ 1.035,24). Esta desigualdade evidencia uma característica marcante do setor: a rotatividade. Isto quer dizer que as empresas utilizam a elevada rotatividade existente na categoria como mecanismo de redução de salários, utilizado tanto neste quanto em outros setores de atividade econômica.

TABELA 5
Perfil dos Empregos Admitidos e Desligados no Comércio de
Material de Construção
Município de São Paulo - Jan a Mai/11

Atributos Pessoais	Admitidos	Proporção (%)	Desligados	Proporção (%)
TOTAL	16.905	100,0	14.207	100,0
Gênero				
Masculino	13.704	81,1	11.571	81,4
Feminino	3.201	18,9	2.636	18,6
Escolaridade				
Analfabeto	47	0,3	34	0,2
Até o 5ª ano Inc. do Ensino Fundamental	528	3,1	468	3,3
5ª ano Com. do Ensino Fundamental	754	4,5	664	4,7
Do 6ª ao 9ª ano Inc. do Ensino Fundamental	1.202	7,1	1.039	7,3
Ensino Fundamental Completo	2.953	17,5	2.771	19,5
Ensino Médio Incompleto	2.005	11,9	1.734	12,2
Ensino Médio Completo	8.312	49,2	6.624	46,6
Educação Superior Incompleta	465	2,8	403	2,8
Educação Superior Completa	639	3,8	470	3,3
Mestrado Completo	0	0,0	0	0,0
Doutorado Completo	0	0,0	0	0,0
Faixa Etária				
Ate 17 anos	491	2,9	200	1,4
18 a 24 anos	5.511	32,6	4.152	29,2
25 a 29 anos	3.382	20,0	3.123	22,0
30 a 39 anos	4.195	24,8	3.934	27,7
40 a 49 anos	2.295	13,6	1.927	13,6
50 a 64 anos	1.001	5,9	837	5,9
65 ou mais	30	0,2	34	0,2

Fonte: Caged, Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciários de São Paulo

A criação de empregos formais ocorreu, em sua maioria, nos estabelecimentos com até quatro empregados. Do total de 2.698 novos postos de trabalho criados no segmento, cerca de 70% se deram nas microempresas (Tabela 6).

Quando se considera o porte dos estabelecimentos, observa-se que as empresas pequenas e médias empregam mais, proporcionalmente e, além disso, têm gerado mais postos de trabalho no comércio de materiais de construção. Por outro lado, pagam os menores salários, como já foi visto. Isto coloca um desafio para o movimento sindical porque a quantidade não está diretamente relacionada à qualidade dos postos de trabalho, principalmente, no tocante à remuneração.

TABELA 6
Movimentação de trabalhadores segundo tamanho de estabelecimento
Comércio de Material de Construção
Município de São Paulo – Jan a Mai/11

(em n° absolutos)

Tamanho do Estabelecimento	JAN/11 A MAI/11		SALDO
	Admitidos	Demitidos	
TOTAL	16.905	14.207	2.698
Até 4 empregados	4404	2503	1.901
De 5 a 9 empregados	2365	2362	3
De 10 a 19 empregados	2588	2599	-11
De 20 a 49 empregados	3418	3135	283
De 50 a 99 empregados	2123	1950	173
De 100 a 249 empregados	1380	1171	209
De 250 a 499 empregados	562	457	105
De 500 a 999 empregados	65	30	35

Fonte: Caged, Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: DIEESE / Subseção dos Comerciantes de São Paulo

O item a seguir propõe relacionar os ganhos do setor e a apropriação destes resultados com as condições de trabalho dos comerciários, bem como o crescimento do emprego e da remuneração nos últimos seis anos. Mesmo porque, observa-se que o bom desempenho obtido nos últimos anos pela economia do país pouco se reverteu em melhorias das condições de trabalho.

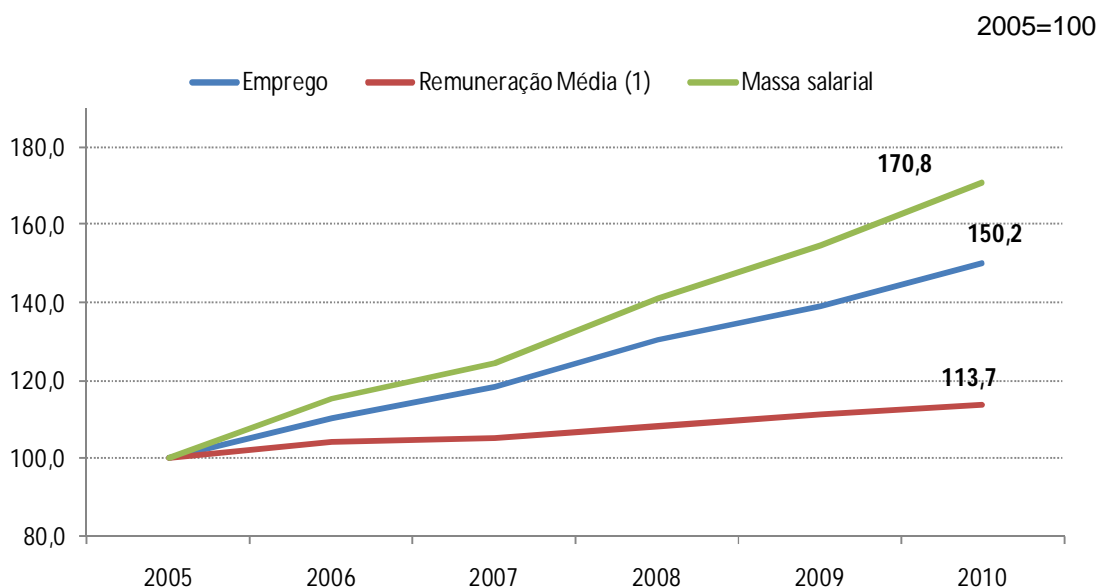
Evolução do emprego, da remuneração e dos ganhos do segmento entre 2005 e 2010

Uma das causas principais da evolução do mercado de trabalho é o crescimento da economia, combinado com um processo de melhoria da distribuição de renda, fenômenos que, nos últimos anos, têm proporcionado expressivos aumentos na contratação de trabalhadores com carteira assinada. No entanto, por outro lado, observa-se também, que a remuneração média destes contratados não tem crescido na mesma grandeza.

Entre 2005 e 2010, a evolução do emprego e da renda média dos comerciários de material de construção não obteve o mesmo nível de crescimento. Diante uma expansão de 50,2% no nível de emprego, a remuneração média cresceu apenas 13,7%. Assim a evolução de 71% da massa de remuneração se deveu, fundamentalmente, ao crescimento do emprego no segmento¹ (Gráfico 8).

Observa-se que aumentar a remuneração média dos trabalhadores ainda é um desafio para o movimento sindical como um todo, pois ao mesmo tempo em que recordes são alcançados no tocante a geração de empregos formais, o mesmo não é visto nos salários.

GRÁFICO 8
Evolução do emprego, massa salarial e remuneração média real (1)
Município de São Paulo - 2005/2010



Fonte: Rais, Ministério do Trabalho e Emprego

Elaboração: DIEESE / Subseção Comerciários de São Paulo

(1): Valor médio (R\$). Não constam os vínculos ignorados para o cálculo da remuneração média. Valores a preços de dez/2010 do INPC/IBGE

De fato o crescimento econômico por si só não tem garantido a melhoria significativa dos padrões salariais dos trabalhadores em geral, e em particular, dos comerciários deste segmento. Isto coloca, cada vez mais, a importância da negociação coletiva como instrumento para valorização das condições de trabalho, emprego e remuneração.

¹ É importante observar que este fenômeno, com especificidades setoriais, ocorreu no mercado de trabalho como um todo.

Em relação ao faturamento das empresas, nota-se que o aumento da remuneração média da categoria foi bastante inferior. No país, entre 2005 e 2010, o faturamento, cresceu 42% enquanto a elevação da remuneração real média dos trabalhadores deste segmento no município não passou dos 13,7%, indo de R\$ 1.109,62, em 2005, para R\$ 1.261,33, em 2010.

Com a economia aquecida, o mercado de trabalho tem aberto novos postos, as condições de financiamento são atrativas para o consumidor. Entretanto, o trabalhador continua sem muitas expectativas no que se refere a melhorias das condições de trabalho, sobretudo à remuneração obtida.

Considerações finais

Apesar do significativo aumento de preços dos materiais de construção nos últimos anos, as vendas se intensificaram, chegando a níveis recordes. Além do mais, notou-se um incremento da receita nominal muito superior ao volume de vendas, o que traduz o crescimento acima da inflação, ou seja, o aumento real, muito expressivo.

Por conta disto, o faturamento das empresas do setor de material de construção também demonstrou crescimento, atingindo R\$ 49,0 bilhões em 2010, no país, 10,6% maior que o ano anterior.

O segmento empregava 67.997 comerciários no município de São Paulo em 2010, representando 7,8% do total de empregados no setor do comércio paulistano. Na comparação com 2005, a quantidade de comerciários deste segmento aumentou em torno de 50%, demonstrando a importância do segmento para o mercado de trabalho.

A remuneração média do segmento foi de R\$ 1.262,05, em 2010, menor que o pago em média para o setor, R\$ 1.622,16, mesmo com o segmento apresentando desempenho econômico superior. Isto traz para categoria, sobretudo para os empregados do segmento, um grande desafio pelo fato de a remuneração média representar 56,6% do salário mínimo necessário estimado pelo DIEESE, que deveria ser R\$ 2.227,53 em dezembro de 2010.

A característica pessoal mais marcante deste grupo de trabalhadores é a predominância masculina, cerca de 80% do total de empregados na cidade de São Paulo. As demais seguem a tendência do setor, forte presença jovem e de pessoas que possuem até o ensino médio completo.

Uma questão que se coloca refere-se às razões da ausência feminina no comércio de materiais de construção. O argumento de falta de qualificação não pode ser utilizado como justificativa, já que a escolaridade destas empregadas é superior ao do grupo masculino. Além disso, nem mesmo ganhando 4,3% menos que os homens, é garantida maior empregabilidade delas neste segmento.

Do ponto de vista do emprego, as micro e pequenas empresas têm grande participação, pois aquelas com até 19 empregados são responsáveis por mais da metade (52%) do total de empregados do segmento. Contudo, do ponto de vista da remuneração, estas pagam salários bem menores que as grandes empresas.

Acompanhando o bom momento vivido pelo segmento, houve geração de 2.698 novas vagas com carteira assinada entre janeiro a maio de 2011 no município, representando aproximadamente 34% do total de vagas geradas no setor.

Mesmo demonstrando saldo positivo na geração de emprego formal, a rotatividade ainda é uma característica do setor. Com esta movimentação de trabalhadores, verifica-se a redução da remuneração entre os admitidos e os desligados, (R\$ 1.035,24 contra R\$ 995,05), o que serve para diminuir custos das empresas.

Na geração de postos de trabalho, as micro empresas com até 4 empregados destacam-se, tendo gerado aproximadamente 70% das novas vagas do período.

Para os próximos anos, a perspectiva para o segmento é positiva. A cidade está cotada para receber a Copa do Mundo em 2014, o que movimentará sobremaneira a construção civil, em especial na região leste, por conta do novo estádio e da infraestrutura necessária, principalmente quanto ao transporte. A manutenção da impulsão do mercado imobiliário e a necessidade de moradias bem como de reformas direcionam para este segmento do comércio o crescimento da renda e as tomadas de crédito da população.

Desta forma, entre tantos, destacam-se dois desafios para mobilização dos trabalhadores e para a ação sindical: aumento da remuneração do segmento como um todo, sobretudo das pequenas empresas em particular, e a eliminação da discriminação ao trabalho feminino no comércio de material de construção, que apesar da maior qualificação, ainda sofre preconceitos.

Nota Metodológica

Para caracterização do segmento de comércio de material de construção foi utilizada a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), tanto na análise de dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) quanto do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

A divisão da CNAE que possibilita a maior desagregação dos dados é por *classe*, sendo que se optou pelas seguintes:

Para 2005:

Classe CNAE 1.0:

51535 - Comércio atacadista de madeira, material de construção, ferragens e ferramentas.

52442 - Comércio varejista de material de construção, ferragens e ferramentas manuais; vidros, espelhos e vitrais; tintas e madeiras.

A partir de 2006

Classe CNAE 2.0:

46711 - Comércio atacadista de madeira e produtos derivados

46729 - Comércio atacadista de ferragens e ferramentas

46737 - Comércio atacadista de material elétrico

46745 - Comércio atacadista de cimento

46796 - Comércio atacadista especializado de materiais de construção não especificados anteriormente e de materiais de construção em geral

47415 - Comércio varejista de tintas e materiais para pintura

47423 - Comércio varejista de material elétrico

47431 - Comércio varejista de vidros

47440 - Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção

DIIESE DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS
Rua Aurora, 957 – Sta. Efigênia
CEP 01209-001 São Paulo, SP
Telefone (11) 3821-2140 / fax (11) 3821-2179
E-mail: ersp@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Direção Executiva

Presidente: Zenaide Honório
Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do
Estado de São Paulo - SP
Vice-presidente: Josinaldo José de Barros
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias
Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de
Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP
Secretário: Pedro Celso Rosa
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias
Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material
Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da
Grande Curitiba - PR
Diretor Executivo: Alberto Soares da Silva
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de
Energia Elétrica de Campinas - SP
Diretora Executiva: Ana Tércia Sanches
Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos
Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP
Diretor Executivo: Antônio de Sousa
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias
Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de
Osasco e Região - SP
Diretor Executivo: José Carlos Souza
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de
Energia Elétrica de São Paulo - SP
Diretor Executivo: João Vicente Silva Cayres
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP
Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes
Sindicato dos Empregados em Empresas de
Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas
e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul -
RS
Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira
Sindicato dos Servidores Públicos Federais do
Estado de Pernambuco - PE
Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito
Costa
Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA
Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva
Federação dos Trabalhadores em Serviços de
Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas
Verdes do Estado de São Paulo - SP
Diretor Executivo: Tadeu Moraes de Sousa
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias
Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de
São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico
Ademir Figueiredo – coord. de estudos e
desenvolvimento
José Silvestre Prado de Oliveira – coord. de
relações sindicais
Nelson Karam – coord. de educação
Francisco J.C. de Oliveira – coord. de pesquisas
Rosana de Freitas – coord. administrativa e
financeira

Equipe técnica responsável

Diego Romano
Eliana Ferreira Elias
Fabiana Carla da Silva Campelo

Revisão Técnica

Daniela Sandi
Eliana Ferreira Elias
Ilmar Ferreira da Silva
José Álvaro Cardoso
Iara Heger



Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Rua Formosa, 99 – Anhangabaú – Centro
Telefone: (11) 2121-5900

Diretoria:

Ricardo Patah, presidente
José Gonzaga da Cruz, Diretor Vice-Presidente
Edson Ramos, Diretor Secretário Geral
Antonio Carlos Duarte, Diretor
Tesoureiro/Financeiro
Marcos Afonso de Oliveira, Diretor do
Departamento Jurídico
Antonio Evanildo Rabelo Cabral, Diretor de
Educação, Formação Profissional e Esportes
Neildo Francisco de Assis, Diretor do Patrimônio
Josimar Andrade de Assis, Diretor de Relações
Sindicais
Cleonice Caetano Souza, Diretora de Assistência
Social e Previdência

Suplentes da Diretoria

Amanda Cristina Bernardo - Aparecido Tadeu
Plaça - Cremilda Bastos Cravo - Dijalma Alves
Domingues - Isabel Kausz dos Reis - Isaias Roberto
da Silva - Marinaldo Antonio de Medeiros -
Marlene Teixeira Rodrigues - Rosilania Correia
Lima

Conselho Fiscal

Avelino Garcia Filho - Adriana Machado - Luiz
Hamilton de Sousa

Suplentes do Conselho Fiscal

Gino Vaccaro - Domingos Serralvo Moreno - Maria
das Graças da Silva Reis

Delegados Federativos

Nildo Nogueira - Wilson Moura da Silva

Suplentes de Delegados Federativos

Natali Regina Fonseca de Almeida - Erasmo
Jacinto da Silva

Conselho de Planejamento Estratégico

Rubens Romano - Julio Nicolau - Manuel Correia -
Eduardo Karan